

MOBILIDADE E XENOFOBIA: CONSIDERAÇÕES DA GEOGRAFIA À PSICANÁLISE

DOI 10.4025/revpercurso.v9i1.37396

Alexandre Luís Ponce Martins

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá - PGE/UEM e Bolsista Capes-Fundação Araucária. E-mail: poncemartins@hotmail.com

Vivian Rafaella Prestes

Mestra em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá e Professora da Faculdade Metropolitana de Maringá e da Universidade Paranaense. E-mail: psicologa.vivian@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo discorrer quanto a questões teóricas referentes a distintas interpretações disciplinares a respeito do conceito de xenofobia. Objetiva-se justificar a presença de várias interferências na interpretação do vocábulo, tendo em vista os pressupostos geográficos, sociais, econômicos e psicanalíticos que atuam significativamente no atual meio social. A priori, por meio de uma revisão bibliográfica, discorre-se quanto aos convencionalismos presentes no decorrer da história, isto é, tratou-se brevemente a questão na antiguidade, no mercantilismo e nos séculos XVIII e XIX. Para tal, caracterizou-se as relações xenofóbicas a partir de dois recortes, o primeiro tange aspectos socioespaciais e o segundo, com interpretações da psicanálise. É uma temática justificável, uma vez que o termo tem como base pré-conceitos, e estas circunstâncias influenciam nos rumos geopolíticos da questão migratória. As consequências das políticas públicas, e do comportamento cultural de determinado grupo social, podem implicar em precarização de qualidade de vida dos indivíduos alóctones, principalmente aqueles pertencentes a locais periféricos economicamente. Desta forma, apresenta-se uma abordagem simplificada quanto à xenofobia e a construção do preconceito contra o outro, a partir de outras interpretações além da questão geográfica, sendo estas abrangidas pela análise sociológica, econômica e psicanalítica.

Palavras-chave: Preconceito; Etnocentrismo; Geografia; Psicologia.

MOBYLITY AND XENOPHOBIA: CONSIDERATIONS FROM GEOGRAPHY TO PSYCHOANALYSIS

ABSTRACT: The objective of this article is to discuss theoretical questions concerning different disciplinary interpretations regarding the concept of xenophobia. The objective is to justify the presence of several interferences in the interpretation of the term, considering geographic, social, economic and psychoanalytical assumptions that act significantly in the current social environment. A priori, through a bibliographical review, we discuss the conventions present in the course of history, that is, the question was briefly addressed in antiquity, mercantilism, and in the eighteenth and nineteenth centuries. For this, the xenophobic relations were characterized from two cutouts, the first deals with socio-spatial aspects and the second, with interpretations of psychoanalysis. It is a justifiable theme, since

the term is based on preconceptions, and these circumstances influence the geopolitical direction of the migratory issue. The consequences of public policies, and the cultural behavior of a particular social group, may imply the precariousness of the quality of life of the non-native individuals, especially those belonging to economically peripheral locations. Thus, a simplified approach to xenophobia and the construction of prejudice against the other is presented, based on other interpretations beyond the geographic question, which are covered by sociological, economic and psychoanalytical analysis.

Key-words: Prejudice; Ethnocentrism; Geography; Psychology.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem o intento de agregar ideias relativas à ciência psicanalítica na compreensão de um fenômeno social analisado em questão, a xenofobia, com as perspectivas geográficas e sociológicas do termo. A interlocução com a teoria psicanalítica se faz oportuna, uma vez que os vieses geográficos corroboram com o que Freud, pai da Psicanálise, discorre quanto ao indivíduo. Para estas correntes teóricas, o indivíduo se constitui nas, e pelas, relações sociais. Desta forma, é possível significar a intolerância e os preconceitos a partir do referencial teórico citado.

Para tal objetivo, foi realizada uma revisão teórica bibliográfica para se estabelecer os conceitos de xenofobia a partir de relações sociais, econômicas, geográficas e psicanalíticas. Deste modo, dividiu-se este texto em duas partes, a primeira retratando questões econômicas, sociais e geográficas que permeiam o conceito e, em um segundo momento, definiu-se os aspectos psicanalíticos que influenciam as atitudes preconceituosas e xenofóbicas de atores diversos.

Para alicerçar a discussão, fez-se necessário buscar autores que trataram diretamente ou indiretamente do assunto, isto é, partindo da xenofobia como uma forma de preconceito que admite outras formas de pré-julgamento, buscou-se estabelecer também o etnocentrismo e o racismo, bem como o próprio termo preconceito. Tratou-se ainda das questões referentes à mobilidade destes indivíduos, uma vez que o estrangeiro é um sujeito que se move por motivações individuais, micro e macroeconômicas.

É significativo elucidar tais situações em vista do aumento dos fluxos migratórios, bem como as relações dos indivíduos nacionais com estes atores, não só com cidadãos estrangeiros, mas também com aqueles que possuem características culturais distintas dentro de uma mesma sociedade, o que é comum no Brasil. Tais situações são presentes na

atualidade, principalmente com o avanço das tecnologias de transporte e informação que, por sua vez, aumenta o contato de etnias diversas e, por vezes, amplia comportamentos preconceituosos.

2 XENOFOBIA: PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS, ESPACIAIS E CONCEITUAIS

O pré-conceito contra outros grupos étnicos não é fato restrito à atualidade, observa-se que tal situação sempre ocorreu na história da humanidade. No decorrer do tempo, sociedades foram influenciadas, desenvolveram-se e desapareceram a partir de circunstâncias correlatas a fatores xenofóbicos. Na contemporaneidade exemplos de vulnerabilidade de estrangeiros é mais presente, destacados com os avanços tecnológicos nas áreas de informação e transportes. Com a maior visibilidade o tema é presente nas discussões políticas de âmbito internacional e suas consequências atingem os atores sociais, sendo pertinente a atual discussão.

Inicia-se este recorte a partir das implicações históricas, e suas consequências econômicas e sociais, quanto a preconceitos no decorrer do tempo. Posteriormente será considerada a conceituação do termo xenofobia.

A priori, salienta-se que a historiografia brasileira, e em parte a ciência ocidental, baseia-se nos pressupostos eurocêntricos, uma vez que a sedimentação da ciência moderna tem gênese no século XVIII com o estabelecimento do pensamento iluminista, iniciado na Europa, e transcorre o globo por meio do neocolonialismo imperialista. Entretanto, reconhece-se que tal fato deve ser centro de debate com o objetivo de universalizar as ciências humanas e compreender a contribuição de outras sociedades para o processo que formou o mundo contemporâneo. (BARBOSA, 2008)

Neste sentido, destaca-se que as bases históricas colocadas neste trabalho têm como alicerce a historiografia oficial europeia, esta é utilizada para sedimentar exemplos de preconceito que ocorreram, de fato, no decorrer da história humana. Em outro sentido, reconhece-se que a xenofobia e demais formas de pré-conceito étnico e cultural ocorrem, e ocorreram, também em diversas sociedades em várias partes do mundo.

Segundo Cabecinhas (2010), desde a antiguidade determinados povos dominavam outros a partir de diversas ações, entre as quais, também, formas violentas, neste contexto, o

que os diferenciavam era de fato a crença, subjetiva e concreta, na superioridade de um grupo sobre outros.

Quando se escreve subjetivas, acena-se ao fato de acreditarem, dentro de seus pressupostos étnicos, serem mais aptos, inclusive biologicamente. Exemplo dos povos greco-romanos em relação aos bárbaros na antiguidade. O concreto, dá-se na materialidade da dominação, isto é, a superioridade bélica possibilitada por melhores avanços técnicos, de fato efetivavam a dominação de uma etnia sobre outra, neste caso os romanos não conseguiram barrar as invasões bárbaras o que derrubou o Império Romano no ocidente. (GIBBON, 1989).

A Idade Média, segundo a periodização da História, inicia-se com o fim do Império Romano do Ocidente, tendo a as invasões bárbaras como fator preponderante da nova organização econômica e social que estabeleceu até o início da Idade Moderna. As cidades retrocederam e as relações comerciais decaíram, o que caracterizou o feudalismo. Do ponto de vista étnico ainda existiam semelhanças e dissensos culturais, contudo segregados em territórios menores denominados feudos. As rivalidades com os grupos étnicos distintos permaneciam, porém sem organização centralizada para qualquer tipo de combate interno no continente europeu. Externamente, as cruzadas, que tinha o ponto de vista religioso como fator de conflito entre cristãos e muçulmanos, estabeleciam como objetivo conquistar a terra santa no oriente médio. (GIBBON, 1989)

A partir do século XV e XVI, a ascensão do sistema econômico mercantilista, marcado pelas grandes navegações, subsidia o estabelecimento de um maior conhecimento geográfico do planeta, assim como o de seus habitantes, de uma forma que se permitiu, a partir de tal processo, o avanço do colonialismo. Os europeus, por meio das grandes navegações, solidificaram a ocupação das Américas, litoral africano e Índias. Estabeleceu-se uma forma de domínio exploratório sobre os povos nativos daquelas áreas com visão discriminatória, ao qual acreditava-se que aquelas sociedades eram pouco ou não civilizadas e primitivas, sendo consideradas, por vezes, como não seres humanos, fato que legitimou o tráfico de escravos africanos. (ANDRADE, 1999)

O desenvolvimento científico tem suas bases estabelecidas a partir do final do século XVIII e todo o XIX, gênese do período Contemporâneo. Sob a égide do pensamento iluminista, deteriorou-se o domínio do antigo regime sob os demais estamentos sociais, com base na razão e no método que, naquele momento se desenvolvia.

No âmbito da biologia, pesquisas quanto às diferenciações das “raças” humanas fortaleciam-se, principalmente nas nações exploradoras imperialistas, desta forma escreve Cabecinhas (2010, p. 25 e 26):

A ‘ciência da classificação’ foi iniciada por Carl Linnaeus. Na sua taxonomia, com base numa multiplicidade de critérios, principalmente de natureza fenotípica, os seres humanos foram classificados em quatro raças – africanos, americanos, asiáticos e europeus. Cada uma destas raças foi caracterizada com alguns atributos específicos: por exemplo, os africanos foram descritos como negros, lentos de raciocínio, descontraídos e negligentes; os americanos como vermelhos, ávidos e combativos; os asiáticos como amarelos, inflexíveis, severos e avarentos; e os europeus como belos, amáveis, inteligentes e inventivos.

Segundo a autora, Carl Linnaeus classifica os seres humanos a partir de juízos de valor, além de seus atributos físicos. Observa-se que, a partir de sua análise, os negros são lentos e os europeus, belos amáveis e inteligentes. Tais ideologias foram utilizadas como justificativa para o colonialismo europeu no século XIX, para os europeus os africanos estariam sendo favorecidos por um processo civilizatório que os beneficiariam, isto é, seriam civilizados. Estes estudos criaram o que foi chamado de racismo científico, e serviu como base para uma variedade de teorias segregativas que viriam a ampliar o preconceito.

Uma das referências marcantes do ‘racismo científico’ foi Francis Galton, fundador de um laboratório de eugenia com vista ao aperfeiçoamento da espécie humana. Galton argumentou em defesa da eliminação progressiva dos ‘indesejáveis’ da sociedade, proibindo-lhes o casamento ou impondo a sua esterilização e, simultaneamente, tentou proteger, aperfeiçoar e multiplicar os indivíduos ‘mais aptos’, de melhor saúde física e moral. (Cabecinhas, 2010, p. 26)

Tais estudos pioneiros contribuíram para se criar um ambiente de hostilidades quanto às outras etnias. Neste aspecto, observa-se na atualidade uma intolerância significativa em relação a povos estrangeiros, ou mesmo contra atores de um mesmo país com características culturais distintas. A forma de preconceito que é designada para cada uma destas atuações é denominada respectivamente xenofobia e etnocentrismo. Quanto ao primeiro evidencia-se:

Referência ao ódio, receio, hostilidade e rejeição em relação aos estrangeiros. A palavra também é frequentemente utilizada em sentido lato como a fobia em relação a grupos étnicos diferentes ou face a pessoas cuja caracterização social, cultural e política se desconhece. A xenofobia é uma ideologia que consiste na rejeição das identidades culturais que são diferentes da própria. (DE LA GARZA, 2011, p. 86)

A autora coloca características de etnocentrismo e xenofobia no mesmo fragmento, de fato, todo xenofobismo apresenta conjunções com o outro conceito, já que o estranhamento ao estrangeiro é abastecido pelas diferenças culturais que o imigrante apresenta, isto é, distinções quanto ao idioma, religião, costumes, alimentação, entre outros. Todavia, nem todo etnocentrismo é xenofobia, uma vez que, o preconceito étnico pode variar dentro de um mesmo país, entre aspectos culturais muito distintos dentro da mesma fronteira.

Etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado comocentro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual, pode servir como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimentos de estranheza, medo, hostilidade, etc. (ROCHA, 1988, p.5)

Como observado, o etnocentrismo está dentro do conceito de xenofobia, porém não são sinônimos, a base do último está diretamente relacionada com a nacionalidade do indivíduo em âmbito fronteiriço, assim a xenofobia segundo Albuquerque Junior, (2016, p. 9):

A palavra xenofobia vem do grego, da articulação das palavras *xénos*[ξένος] (estranho, estrangeiro) e *phobos*[φόβος] (medo), significando, portanto, o medo, a rejeição, a recusa, a antipatia e a profunda aversão ao estrangeiro. Ela implica uma desconfiança e um preconceito em relação às pessoas estranhas ao território, ao meio, à cultura que pertence aquele que julga, que observa, que se considera como estando em seu lugar. A xenofobia implica uma delimitação espacial, uma territorialidade, uma comunidade, em que se estabelece um dentro e um fora, uma interioridade e uma exterioridade, tanto material quanto simbólica, tanto territorial quanto cultural, fazendo daquele que vem de fora desse território ou dessa cultura um estranho ao qual se recusa, se rejeita com maior ou menor intensidade.

Portanto, a xenofobia é multifacetada e está associada a fatores diversos tanto no âmbito cultural como explicitado por Albuquerque Junior, quanto por políticas migratórias,

econômicas e com a perspectiva psicológica de cada indivíduo. Por ser um conceito de entendimento múltiplo, é ainda associada às questões de preconceito racial, isto é, o pré-julgamento a partir da aparência física, segundo Cabecinhas (2010 p. 17): “No seio da Psicologia Social, o racismo é geralmente considerado como um tipo particular de preconceito em que os alvos da atitude negativa são pessoas de determinada ‘raça’ (*negros, índios* etc.).” Portanto, destaca-se a importância de uma abordagem transdisciplinar do problema em questão. Nesse sentido, De La Garza (2011, p.87) explicita que:

Hoje a xenofobia é comum nas sociedades modernas, devido à globalização, pois esta mesclou, através de processos de migração, integrantes de raças distintas, religiões e costumes. Psicologicamente, é compreendida como um medo arcaico, inconsciente, de perder a identidade própria, combinado com o medo de macular a situação econômica, social e política de uma comunidade.

Na atualidade a xenofobia pode ser vista como uma forma de pré-conceito mais aparente em razão dos processos de globalização, visto que os atores em movimento têm mais possibilidades de deslocamento através dos meios de transporte e estão mais visíveis a partir dos meios de informação e comunicação. Com o crescimento no número de migrantes e visibilidade dos grupos autóctones, as formas de perversidade contra os alóctones sem amplificam, bem como sua vulnerabilidade.

Evidencia-se a necessidade de se entender os motivos que levam determinadas pessoas a sair de seu local de origem para tentar sobreviver em um local que pode ser estranho para si e suas famílias. Neste aspecto, Rocha (1998) aponta que a migração pode ser coerciva, em uma forma de “mobilidade forçada”. Esta ocorre a partir dos interesses do sistema capitalista com o próprio deslocamento de determinados grupos ou indivíduos, sendo, portanto, exógenas à vontade do trabalhador.

Gaudemar (1977), esclarece que o capitalismo influencia na maneira como os seres humanos constituem seus comportamentos, assim, em meio aos interesses do sistema, ocorre a mobilidade da força de trabalho. Desta forma, todo planejamento capitalista de mobilidade é, também, mobilidade forçada. Gaudemar (1977 p. 190) coloca que a “...mobilidade da força de trabalho é assim introduzida, em primeiro lugar, como a condição de exercício de sua ‘liberdade’ de se deixar sujeitar ao capital, de se tornar mercadoria cujo consumo criará o valor e assim produzirá o capital.”, ou seja, existe uma “escolha” em se deixar explorar pelo

capital com o fim de gerar mais valia para os donos dos meios de produção. Mais adiante ainda esclarece:

A relação entre mobilidade e a liberdade da força de trabalho pode ser ainda precisada. No seu aspecto positivo, a liberdade condiz à possibilidade do trabalhador escolher seu trabalho e o local onde exercê-lo; no seu aspecto negativo, ela conduz às exigências do capital e o seu poder de despedir em qualquer altura um trabalhador, ou de transformar o seu trabalho assim como as condições em que ele o exerce. (GAUDEMAR, 1977, p. 190)

Por vezes, o ódio ou aversão ao estrangeiro é justificado a partir das motivações deste mesmo indivíduo. Os grandes fluxos são marcados pela fuga de uma situação de precariedade e busca de uma melhor qualidade de vida. A desigualdade social, fomentada pela macroeconomia a partir do desenvolvimento desigual e combinado (LOW, 1989), constitui diferenciações na divisão internacional do trabalho, que tem como consequência a migração de pessoas advindas de países considerados menos desenvolvidos economicamente para países mais desenvolvidos.

O indivíduo em estado de migração sai, por vezes, de situação de risco em seu local de origem e, durante o processo, passa por situações de vulnerabilidade, as quais se pode citar violência física, moral, sexual, entre outras. (FRASSON e MARTINS, 2016). Tais situações podem levar a prejuízos não somente físicos, mas também psíquicos. Os atores envolvidos nestes casos chegam ao seu destino sem, muitas vezes, saber se vão conseguir se alocar e conseguir melhorar suas condições de existência.

Por meio das ciências sociais, entre as quais se inclui a Geografia, pode-se afirmar que as medidas econômicas levam atores diversos a migrarem na busca de melhor qualidade de vida, muitas vezes, a partir de um deslocamento coercitivo influenciado pelo sistema econômico que gera espaços desiguais, preconceito e, conseqüentemente, vulnerabilidade dos indivíduos. Entender a atuação dos diversos atores, envolvidos nos processos anteriormente descritos, em âmbito individual e coletivo configura-se como relevante para se discorrer quanto à temática aqui abordada. A Psicanálise configura-se como uma ciência relevante neste aspecto.

3 XENOFOBIA, ETNOCENTRISMO E PSICANÁLISE

Nas eleições para presidente do Brasil, em 2014, foi estarrecedora a frequência de algumas frases etnocêntricas expostas nas redes sociais, como “nordestinos não abrem mão de bolsa família, são preguiçosos, não querem trabalhar”, “façam um favor a São Paulo, matem um nordestino”. Certamente, manifestações como essas não acontecem apenas no âmbito nacional. Donald Trump, atual presidente dos Estados Unidos, é uma figura associada a comentários preconceituosos em relação às mulheres, negros, chineses, mexicanos e homossexuais. Para além desses casos de ódio explícito vinculados à política, há o preconceito cotidiano que perpassa diversas situações de forma mais ou menos velada, por exemplo, as piadas que desqualificam qualquer pessoa por ser diferente, seja na opção sexual, por gostos musicais, na etnia ou por falar errado o português.

A palavra “preconceito” é genérica na medida em que reúne o deslizamento de qualquer objeto alvo do ataque hostil. Diante disso, têm-se nomeações específicas de acordo com o objeto escolhido, por exemplo, racismo quando é direcionado às raças, homofobia quando é para homossexuais e xenofobia para quando o objeto são pessoas estrangeiras. Visto que a xenofobia é, portanto, uma manifestação preconceituosa, abordar-se-á esse assunto e quando possível correlacionaremos a teoria com a especificidade xenofóbica.

Como dito, a xenofobia é um tipo de preconceito que diz respeito à aversão pelo estrangeiro, ou seja, a intolerância por aquele que é diferente, estranho, desconhecido. A aversão é uma face do ódio e só se odeia quando se teme por estar ou se sentir em perigo, seja ele real ou imaginário. Se fobia é medo, entende-se que, neste caso, o medo ao não familiar é um comportamento presente nos homens primitivos, os quais se sentiam assustados frente ao desconhecido, à escuridão e à morte. Este comportamento também é típico em crianças. O preconceituoso percebe o mundo como muito hostil e, para se defender do sofrimento provocado pela realidade de sua impotência, sua fantasia onipotente o faz se sentir superior ao seu objeto.

Em 1919, Freud (1996b) escreve o artigo “O estranho”. O autor usa o termo alemão *Unheimlich*, palavra de difícil tradução, haja vista a impossibilidade em encontrar equivalentes em outras línguas. Diante dos diversos significados, a palavra *heimlich* tem o sentido de algo familiar, conhecido, mas também é o oculto, perigoso. Desta forma, *Unheimlich* caminha rumo à ambivalência, pois expressa “o estranho familiar”. Ainda neste

texto, o autor afirma que alguns complexos infantis são reprimidos, isso significa que os conteúdos reprimidos no inconsciente tornam-se estranhos para a consciência. O estranho nos habita, mas isso é intolerável para o psiquismo, afinal, se um conteúdo encontra-se inconsciente, há de se ter um motivo: causaria considerável incômodo para a consciência. Contudo, devido à força dos conteúdos inconscientes que insistem em aparecer, algumas experiências tocam na história infantil de cada um, dando a impressão de que aquilo lhe é familiar. Por ser desconfortável aceitar isso como sendo um traço próprio ao indivíduo, a solução, então, é projetar tais características desagradáveis, como o ódio e a hostilidade, no outro. Em outras palavras, a projeção é um mecanismo de defesa a qual visa proteger o aparelho psíquico daquilo que acredita ser ameaçador.

A projeção, então, é um mecanismo central utilizado pelo preconceituoso. Ela é considerada um mecanismo psíquico que Laplanche e Pontalis (2001) sintetizam como sendo “(...) uma operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos (...) que ele desconhece ou recusa nele.” (p. 374). Por isso, quando Crochík (2011) escreve sobre o preconceito, ele afirma que “(...) o preconceito diz mais respeito às necessidades do preconceituoso do que às características de seus objetos (...). Ou seja, cada objeto suscita no preconceituoso afetos diversos relacionados a conteúdos psíquicos distintos” (p. 14).

A xenofobia é um exemplo de como alguns grupos localizam no outro os sentimentos de insuficiência e desconforto. Utilizamos a expressão “bode expiatório” para aludir uma “culpa” que recai em alguém ou em um grupo mesmo que não tenha cometido aquilo que é acusado. Muitas vezes, este processo é irracional, pois não se vê lógica e coerência em, simplificar e reduzir baianos em “preguiçosos” ou gaúchos em “gays”, ou ainda, dentro do conceito da xenofobia imigrante “bandido”, “ladrão de empregos”, entre outros. O outro, principalmente o desconhecido, acaba sendo eleito para ser um depósito daquilo que está em mim, mas não me agrada. Na presença do não familiar, o ser humano tende a regredir para um estágio anterior ao pensamento racional e passa a acreditar que os estereótipos produzidos descrevem a essência do estranho.

Em 1921, Freud (1996a) escreve “Psicologia de grupo e a análise do ego” para retratar que o indivíduo age de uma maneira em grupo e que, se estivesse sozinho, provavelmente se comportaria de maneira distinta. Para clarificar esse fato, o autor resgata a ideia desenvolvida em textos anteriores, a qual sintetiza que o amor e o ódio são sentimentos que povoam o interior

de todo ser humano. Ao conviver e compartilhar o mesmo objetivo em um grupo, é preciso que o sentimento agressivo seja exteriorizado para outro grupo, com o propósito de manter apenas a ligação amorosa, garantindo a coesão e união grupal. Por isso, sentimentos hostis como o ódio e a intolerância são dirigidos para aqueles que não são membros do grupo. Neste mesmo texto, o autor utiliza a expressão “narcisismo das pequenas diferenças” para explicar a inclinação que o indivíduo tem, principalmente quando é pertencente a um grupo, a exagerar as diferenças entre os semelhantes a fim de se sentir superior. Quer dizer, no narcisismo das pequenas diferenças, a realidade psíquica amplia a realidade concreta pertencente ao estranho, com o objetivo de resguardar a unidade grupal, haja vista que qualquer pequena diferença provocaria angústia.

Crochík (2001) afirma que a deformação da realidade, mecanismo primitivo para driblar a angústia, age dessa forma não só para que o preconceituoso tenha um depositário de seus sentimentos e desejos agressivos, mas também para garantir que continue se sentindo amado pelos demais do grupo e para que os pares não direcionem a agressão a si. Essa é a mesma dinâmica que a criança apresenta diante das situações em que as figuras parentais passam a corrigi-las em alguns comportamentos, ensinando-lhe o que pode ou não e o que deve ou não ser feito. Nesta etapa do desenvolvimento, a criança aceita as orientações não por concordar com elas, tampouco por compreendê-las, mas para assegurar que aqueles a quem ela ama não lhe abandonará, ou seja, é uma tentativa de preservar o amor dos pais e de evitar que a agressividade deles se volte a ela.

Seguindo esse raciocínio, essas primeiras experiências aprendidas pela criança vão se formando em conceitos. O mesmo autor supracitado faz um importante discernimento sobre as palavras preconceito e pré-conceito, já que muitas vezes esta é reduzida àquela. Crochík (2001) diz que todo conhecimento tem como condição a existência de pré-conceitos, isto é, toda experiência do indivíduo diante de qualquer situação ou objeto suscita os conceitos prévios. Com isso, ele atesta que não há experiência pura, pois não é possível anular as vivências anteriores do sujeito. Nas palavras do autor:

“Assim, mesmo quando nos encontramos numa situação nova, temos de nos valer de experiências passadas que tornam o estranho familiar. Isso não significa que não possamos alterar estes pré-conceitos frente à nova experiência vivida, assim como não significa que o novo objeto não possa ser conceituado de forma distinta dos pré-conceitos, mas

que essa possibilidade de modificação pode indicar maior ou menor predisposição ao preconceito” (CROCHÍK, 2001, p. 31).

Destarte, o preconceito sucede quando nem o conteúdo, sequer o sujeito, modifica-se, fato que obstrui qualquer compreensão do objeto que leve em consideração as características dele.

Evidenciou-se, até aqui, algumas características próprias ao indivíduo que podem alimentar seu preconceito diante do outro, seja por conteúdos seus que são projetados ou por receio de perder o amor de quem é importante em sua vida, incluindo, neste caso, os grupos dos quais ele faz parte. Porém, restringir o preconceito unicamente a aspectos psíquicos é promover o intimismo e desconsiderar que o ser humano é fruto da interação que tem com a sociedade. Isso não significa desresponsabilizar o sujeito de suas escolhas, mas entendê-lo nesse arranjo indivíduo-sociedade. As concepções preconceituosas disseminadas não surgem aleatoriamente, afinal, o preconceito não é inato ao sujeito, ao contrário, o indivíduo encontra na cultura elementos que facilitam a perpetuação dos comportamentos intolerantes.

As leis sociais exercem influência no comportamento do indivíduo e essas leis se pautam na ameaça da exclusão daqueles que não seguem os imperativos transmitidos na cultura. É possível ilustrar essa ameaça com algo que tem se tornado cada vez mais comum: os condomínios fechados. Dunker (2015) elabora a noção “lógica do condomínio” para se referir a um estilo de vida ideal baseada no “consumo” de determinadas residências. No condomínio fechado cria-se uma ideia de que o outro, que vem de fora, pode ser perigoso, por isso, os muros são interpretados como proteção e, ademais, funciona como a negação do diferente, já que os condôminos passam a acreditar que são iguais. Esses fundamentos estão intimamente relacionados com a xenofobia, haja vista que o xenófobo ao temer quem vem de fora, neste caso, outro país, acredita que seja ele o responsável pelos males que acometem sua pátria, unindo-se aos seus iguais que estão para “dentro” do muro, aqui entendido de forma simbólica como as fronteiras. O objeto do xenofóbico é um excluído e, por isso, pode refletir a imagem do próprio preconceituoso: ele também é vulnerável de exclusão, inclusive dentre os seus “iguais”. O estrangeiro mexe com aquilo que, em última análise, é familiar ao ser humano: a insegurança.

Novamente Crochík (2011) ajuda a entender ao asseverar que o preconceituoso tem dificuldade de refletir diante das suas experiências. Na xenofobia, o indivíduo se depara com o outro que rompe com sua percepção rotineira baseada nas pessoas do seu cotidiano, seja

pela forma de se vestir que é diferente, pelo dialeto ou pelos costumes da outra cultura. É diante dessa pessoa ao qual se revela estranha que, no preconceituoso, a reflexão se torna impossibilitada por mecanismos que o faz se cegar defronte do outro o qual é seu espelho. A defesa de algo que lhe causa estranheza ocorre porque os conflitos desse outro repercutem no sujeito. Por vezes, negar conteúdos próprios e também sociais pode ser uma saída para o mal estar, afinal, quanto mais diferentes do outro julgarmos ser, mais protegidos nos sentiremos. Ainda assim, culpabilizar o outro pelas mazelas que acredito estar ameaçado é se manter em uma eterna alienação, o que não causa menos sofrimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O preconceito é um tema que, para ser entendido, exige a articulação de várias áreas do saber. Assim, o intento deste artigo foi o de relacionar esse assunto, especificamente sua manifestação na xenofobia, com as considerações da geografia humana, bem como da psicanálise, em seus aspectos individuais e sociais, já que o ser humano, em sua complexidade, é constituído pelas múltiplas interfaces das experiências.

Geograficamente, a xenofobia, conceito diretamente relacionado ao racismo e ao etnocentrismo, apresenta relações com a definição da divisão territorial do trabalho. Economicamente, a imigração pode se configurar como uma solução à perda da população economicamente ativa, fato recorrente em países com uma maturidade urbana permeada pela construção familiar planejada, novo papel da mulher no mercado de trabalho e acesso a métodos contraceptivos.

As famílias menores, com o aumento da expectativa de vida, pressionam estes Estados a buscar uma solução para a falta de mão de obra. Contudo, o estrangeiro é recebido com indiferença e violência. Tal situação configura-se a partir do conjunto de motivações históricas, socialmente sedimentadas por pré-conceitos que extrapolam do individual ao coletivo.

Tendo em vista que o indivíduo, para a teoria psicanalítica, é constituído pelo laço com o outro, podemos afirmar que o social exerce influência na dinâmica do sujeito, haja vista que ele está inserido em um contexto cultural, o qual sofre influências econômicas, sociais e geopolíticas. A contribuição que a psicanálise traz é a compreensão de que para se

relacionar com o mundo externo o ser humano utiliza algumas estratégias e defesas, como a projeção da agressividade, tornando tal interação social mais “tolerável” para o psiquismo. Há duas formas do intolerante agir: ou lhe causa angústia ver que o outro não é seu reflexo, portanto, é diferente de si, ou que esse outro reflete seus conteúdos íntimos que lhe causa desconforto. Isso acarreta alguns problemas ao convívio social, ocasionando, em última análise, a violência. O maior desafio para a sociedade tem sido a forma de controlar e regular tal agressividade, componente intrínseco a todo indivíduo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Imperialismo e Fragmentação do Espaço**. São Paulo: Contexto, 1999. 94 p.

BARBOSA, Muryatan Santana. **Eurocentrismo e História: problemas e alternativas**. Anais do 2º Seminário Nacional de História da Historiografia. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas. Ouro Preto, EdUFOP (2008): 1-9.

CABECINHAS, Rosa. **Expressões de racismo: mudanças e continuidades**. In: MANDARINO, Ana Cristina de Sousa; GOMBERG, Estelio. **Racismos: Olhares plurais** (pp. 11 – 44) Salvador: EDUFBA, 2010.

CROCHÍK, José Leon. **Preconceito, indivíduo e cultura**. São Paulo: casa do psicólogo, 2011.

DE LA GARZA, Cecília. **Xenofobia**. Revista Laboreal, pp. 86-89, 2011. Disponível em: <http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=37t45n_SU547112435:258574821> Acesso em 20/05/2016.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**. São Paulo: Boitempo, 2015.

FRASSON, Margarete; MARTINS, Alexandre Luís Ponce. **Fronteiras e mobilidade humana: seria uma questão de dominação imperialista?** Revista Percurso – NEMO. Maringá, v. 8, n.1 p. 185- 212, 2016.

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do Ego. In: FREUD, Sigmund. **Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos**, pp. 75 – 148. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, Sigmund. O Estranho. In: FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil**, pp. 235 – 276. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

GAUDEMAR, Jean Paul. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa: Estampa, 1977.

GIBBON, Edward. **Declínio e queda do Império Romano**. Editora Companhia das Letras, 1989.

JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro**. São Paulo: Editora Cortez, 2016.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LÖWY, Michael. **Le marxisme en Amérique Latine**. Anthologie, Paris, Masperopp. 239-258 e 413- 423. 1980.

ROCHA, Everaldo Guimarães. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ROCHA, Márcio Mendes. **A Espacialidade das Mobilidades Urbanas – Um olhar para o Norte Central Paranaense**. (Tese de Doutorado) Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas: São Paulo, 1998.